



José Cardoso Pires

Morte a crédito

Para mim, a moeda militar sempre teve uma cotação abstracta com cifras de entontecer. Tem o mesmo desenho e o mesmo metal da moeda comum e obedece ao câmbio em vigor, mas exhibe um timbre de patriotismo.

NO VERÃO PASSADO, foi uma adolescente que morreu na Praia das Maças, depois de horas de luta com o mar, à espera dum helicóptero da Força Aérea que a viesse salvar. Os militares tinham recebido o pedido de socorro, mas disciplina é disciplina, consultaram códigos, preencheram formulários hierárquicos desde o nosso cabo até ao excelência do Estado-Maior e, quando o aparelho levantou voo, já a vítima tinha desaparecido há mais que séculos.

Agora, dias atrás, foi no Cabo Espichel. O naufrágio dum pescueiro, o apelo aos comandos da Marinha; a Marinha, antes de mais nada, a perguntar quem é que pagava os custos do salvamento, o barco a agonizar e, lá mais para o tarde, o envio duma corveta para o local da tragédia. Como se verificou logo ali, os custos desta operação estratégica já tinham sido pagos com a vida de quatro pescadores desaparecidos.

Mas, para lá da insensibilidade deste zelo contabilístico, o que enoja o cidadão corrente é o primarismo autocrático de certa mentalidade castrense que se considera privilégio social e que “desconhece ou faz de conta” que toda a sua subsistência, os seus exibicionismos heróicos, serviços e incompetências estão pagos de antemão, como um sacrifício imperioso, pelos desgraçados dos contribuintes. No caso do naufrágio do Cabo Espichel, esse recibo obrigatório ainda veio agravado com uma sobretaxa de quatro mortos.

Para mim, a moeda militar sempre teve uma cotação abstracta com cifras de entontecer. Tem o mesmo desenho e o mesmo metal da moeda

comum e obedece ao câmbio em vigor, mas exhibe um timbre de patriotismo como se viesse duma tiragem especial, para assim se distinguir do dinheiro civil e sobretudo da moeda dos mercenários que, essa, não conhece pátria nem moral.

Claro que um mercenário, quando lhe falam em mortos, pergunta logo quanto é que isso rende. E rende muito. Muitíssimo. Porque um mercenário não é pago para salvar naufragos mas para os meter no fundo. De modo que, se um militar verdadeiramente militar, patriota e de corajosa formação, chega atrasado a um naufrágio ou faz perguntas menos oportunas ao desesperado que lhe pede socorro, aparece logo um paisano de má fé que o compara a um mercenário potencial.

Ora, hoje, os assalariados da morte já não são os mesmos que andaram a soldo do sinistro coronel Faulques nas guerras do Katanga ou do Vietname. Têm o seu West Point, a sociedade Executive Outcomes com sede em Johannesburg, e têm o seu Mac Arthur sanguinário na pessoa de Eeben Barlow, um espião sul-africano que comandou a célebre “unidade de matadores” contra os rebeldes da SWAPO. Um assegurador da ordem pela lei do extermínio, este aventureiro sem alma. A preço compensador, está neste momento a defender o enclave católico do Sudão e, mais a leste, na Ásia, combate ao lado das minorias cristãs da Birmânia, o que prova a sua boa fé. Na África, assinou em 1942 o

primeiro contrato com as companhias petrolíferas de Angola no valor de 40 milhões de dólares e, dois anos mais tarde, um outro de 100 milhões que, além do petróleo do Soyo de Cabinda, protege a exploração do campo de diamantes do Kafunfo.

Aprendo tudo isto nos relatos de Pierre Darcourt, publicados recentemente no “Figaro”. Fico a saber que a Executive Outcomes, multinacional da morte com filiais que se estendem da Pretória à Grã-Bretanha, da Bélgica a Portugal, à Bielorrússia e aonde não sei que mais, envolve 80 sociedades privadas comprometidas com movimentos de mercenários especializados à média de salários mensais de 20 mil dólares.

Nada mau em termos de contabilidade. Mas, a Eeben Barlow como a Douglas Mac Arthur, o dinheiro e a especialização da morte não compensam a falta de consciência civil, o azar é esse. E, sem consciência civil, o homem de guerra perde o horizonte da paz e mitifica-se em rituais. (Daí as derrotas dos mercenários frente a Ho-Chi-Min ou as do falcão Mac Arthur frente aos exércitos populares do seu perímetro asiático).

Disse. A propósito dum naufrágio a poucas milhas da costa portuguesa, perdi-me em meridianos militares que, para a sociedade civil, são linhas de tiro e de lógica confusa. Por isso, o choque da opinião pública perante alguns episódios do acontecimento. A frustração. A estranheza. A convicção de que tudo se poderá encerrar com umas notas fúnebres dum clarim da Armada no horizonte do Cabo Espichel. ●